

Mas, para podermos situar mais correctamente o pensamento de Platão, precisamos de analisar a sua *visão* da mente humana, a sua *teoria do conhecimento*, habitualmente designada por “teoria das ideias”, ou “teoria das formas”. A *ideia* ou *forma* em Platão corresponde, de um modo geral, àquilo que hoje designamos por *conceito*. Em termos simples, Platão define a *ideia* em *A República*:

A *ideia* (o conceito) é um *objecto* uno, é a forma generalizada do objecto: *se Deus tivesse feito duas camas, haveria uma terceira que seria a ideia das outras duas* (597c), assim há apenas uma *forma ideal* de cama, a *ideia* (o conceito de cama).

Numa primeira afirmação de Platão, numa abordagem *sensível*, a *ideia* foi criada por Deus e colocada nas almas, mas depois, ainda no Livro X da *República*, logo a seguir, na abordagem racional: a *ideia* foi melhor definida e aperfeiçoada pelo *uso humano*. Pois, (601e) *o flautista informa o fabricante acerca das flautas de que se serve para tocar, e prescreve como este as deve executar*.

Contudo, mantém o primado da *ideia*, do conceito, anterior, subjacente na sua mente e esquecido. O mesmo princípio aplica-se a todos os objectos, concretos ou conceptuais, seres vivos ou imaginários, a todas as formas. Para Platão, este mundo das *ideias* (conceitos), é o mundo real (verdadeiro), iluminado, o mundo inteligível. Do mundo material o homem só assimila as suas formas aparentes, construindo na sua mente simulacros da realidade, das *ideias*. Só atingindo o mundo das *ideias* através da Dialéctica (Filosofia), do Belo (Arte), dos seus *ideais de Justiça* (distributiva), do Bom (a Política da Verdade).

A preparação dos jovens para esta fase mais avançada do espírito humano, deve ser programada primeiro (o sensível) com as músicas (música e letras, linguagem) e a ginástica (desenvolvimento físico), depois (o racional), com os números e a geometria, a astrologia, etc., (lógica, matemática e as ciências), e por fim, só após a sua maturidade, a dialéctica (a filosofia) e quanto ao Belo (a Arte), mesmo na sua *forma aparente* – pois a obra de Arte, após realizada surge aos sentidos – só se pode apresentar ao público, só deve ser abordada, desde que os seus objectos, ou produtos, sejam sujeitos a uma forte censura dos governantes (tiranos), dos *filósofos*.

A obra de Platão trata sobretudo da *natureza humana*, homem e sociedade são inseparáveis. A sua principal preocupação, que detectámos na quase globalidade da sua obra, é uma sociedade melhor, melhorada pelo saber, e portanto pela educação dos jovens. Para o autor, na sua *forma aparente*, a alma humana é reminiscente, viveu já (e viverá) outras vidas, esteve já em contacto com a *luz das ideias*, mas ao renascer, todo o seu saber vem esquecido, e só pelo exercício da dialéctica poderá voltar, passo a passo, *ideia a ideia*, a alcançar em cada caso o *noein*, no espírito, *nous*, num espaço inteligível. Assim este mundo inteligível recupera-se por *reconhecimento*, ou seja, por iluminação, por *clarividência*, ou por *tomada de consciência*, pela *noésis*. Todavia, a sua realização nunca se faz sem esforço. Só com estudo, pela educação, pela leitura e discussão atenta, organizada e convenientemente conduzida, os jovens poderão atingir os patamares necessários ao desenvolvimento do *pensamento dialéctico*, cujo acesso lhes está vedado pela natureza, e por isso o Belo (a Arte) lhes está também vedado, como a luz que conduz ao *reconhecimento*.

Como Sócrates, Platão acredita na *procura do saber*, no diálogo vivo, e ao formar a Academia considerou necessário criar os instrumentos que, na sua ausência, permitissem aos jovens realizar essa *procura*. Supomos que foi assim que surgiram os *diálogos socráticos*, não classificados por Aristóteles, nem como poesia (nem como literatura), nem como coisa alguma. Os *diálogos socráticos* são, na verdade, *obras didáticas* que obrigam a percorrer os patamares do processo dialéctico que conduz às *ideias* expostas na *hiponóia* de cada um dos textos.

O quadro que constitui a base da *teoria das ideias* de Platão é apresentado em *A República*, pela “imagem” (figura) da *linha dividida na vertical*. Na verdade, se nós quisermos conjugar as diversas ideias de Platão com a linha vertical, dividida proporcionalmente em quatro partes, obtemos um quadro mais amplo, que nós aqui adiante apresentamos.

Quadro construído a partir da <i>linha dividida na vertical</i> (conforme exposto em <i>A República</i> de Platão)					
Inteligível	noética superior	ideias (formas) iluminação (conceitos)	hiponóia (conteúdos) uno noésis clarividência (por tomada de consciência)	nous, espírito bem, justiça* Belo (Arte) poética Sabedoria - C1 - Dialéctica (Filosofia)	epistême - essência - ousia inteligência
	noética inferior	geometria lógica matemática	dianóia entendimento	Razão (Ciência) - C2 -	
Sensível	doxasta	objectos zoa	fé pístis	Crença	doxa opinião
	linguagem	forma aparente eikones	ilusão eikasia	Suposição	
* justiça distributiva, <i>ideal</i> (Platão)					

Este quadro, que representa a *linha dividida na vertical*, surge muitas vezes feito à conveniência de quem quer adaptar Platão às suas próprias ideias, e se assim alguém o quiser ver, isso não nos preocupa. O quadro é concluído por Platão com a conclusão do livro VI da *República*, e início do VII, quando, depois de ter exposto

Noémio Ramos Gil Vicente e Platão, Arte e Dialéctica, Íon de Platão...

ISBN: 978-972-990005-1

o que consta neste quadro, Platão, coloca o seu irmão Gláucon pedindo a Sócrates que confirme as suas próprias palavras, tal como podemos ler (513c-e):

(No próprio texto da *República*, o termo *ciência* é utilizado para designar dois conceitos diferentes, que nós assinalámos por C1 e C2, correspondendo: C2 a um conceito de *ciência* no percurso do actual; e C1 ao que entendemos por *Sabedoria*. Portanto, C1 corresponde à *noética superior*, à dialéctica, e por isso Platão a designa também por *ciência da dialéctica* – o que assinalamos a seguir.)

[Sócrates por Gláucon] ...*queres determinar que é mais claro o conhecimento do ser e do inteligível adquirido pela ciência da dialéctica (C1) do que pelas chamadas ciências (C2) cujos princípios são hipóteses [baseadas em axiomas]; os que as estudam são forçados a fazê-lo, pelo pensamento, e não pelos sentidos; no entanto, pelo facto de as examinarem sem subir até ao princípio, mas a partir de hipóteses, parece-te que não têm a inteligência [o ver pensante] desses factos, embora eles sejam inteligíveis com um primeiro princípio [com as ideias, evidências mais simples de onde partem – os axiomas]. Parece-me que chamas entendimento [dianóia], e não inteligência [nous], o modo de pensar dos géometras e de outros cientistas (C2), como se o entendimento [a Razão] fosse algo de intermédio entre a opinião e a inteligência.*

[Sócrates por Sócrates] – *Aprendeste perfeitamente a questão. – Observei eu – Pega agora nas quatro operações da alma e aplica-as aos quatro segmentos: no mais elevado, [a dialéctica, C1] a inteligência [nous], no segundo, [a ciência, C2] o entendimento [dianóia]; no terceiro entrega a fé, e ao último a suposição, e coloca-os por ordem, atribuindo-lhes o mesmo grau de clareza que os seus respectivos objectos têm de verdade.*

Verifica-se a ausência de uma nomenclatura estável na filosofia (ainda em formação, como é referenciado pelos especialistas em Platão), verifica-se pelo uso de palavras que hoje têm significados muito precisos e actuais. Em todo o caso, este nosso quadro vai tornar-se mais compreensível com o resto do texto.

Assim, no Livro VII, na sequência do enquadramento do cálculo, da geometria, astronomia, etc., (ou das ciências – C2 – no sentido precursor do actual) na organização da educação, e referindo a sua posição na *linha*, estas são consideradas como o *trabalho preliminar* (531d-e), perguntando Sócrates, ironicamente, *não vais supor que os peritos nesses assuntos [em ciências – C2] são dialécticos?*

Depois de exemplificar com a alegoria da caverna, volta a ser referido (532d-533a) por Gláucon que não será apenas por agora, na *República*, que se tratará da dialéctica, e depois, referindo em forma de metáfora, tomando as *Ciências* (C2) como *prelúdio*, diz: *passemos à ária em si e analisemo-la, tal como analisámos o prelúdio. Diz então qual é o género de faculdade da dialéctica, em quantas espécies se divide, e quais os seus métodos.*

Sócrates, responde com as limitações da *dianóia*, do discurso (lógico) encadeado pela razão, que considera incapaz de dar a conhecer a dialéctica: *Não serás capaz de me acompanhar Gláucon, pois já não seria a imagem do que falamos que tu verias mas o verdadeiro bem, pelo menos como ele me aparece [ver pensante] ... E*

depois lembra *que a capacidade da dialéctica é a única que pode revelá-lo a quem tiver prática das ciências (C2) que há pouco enumerámos, o que não é possível por outro processo.* A formação nas ciências (C2), na *lógica matemática*, é um passo precedente, mas fundamental para a dialéctica, para a *noética superior!*

Segue-se então mais um esclarecimento sobre as limitações de todas as *técnicas*, incluindo nelas, todas as Ciências (C2) como incapazes de atingir o patamar superior da *linha dividida na vertical* (533b-c), afirmando que a dialéctica *é um outro método, que tenta, em todos os casos, apreender, por processo científico (C1) [dialéctico] relativo a cada objecto, a essência de cada um. As outras técnicas, todas têm em vista as opiniões e gostos dos homens, ou foram criadas todas para a produção e composição, ou para cuidar dos produtos naturais e artificiais. Quanto às restantes, (C2), aquelas que dissemos que apreendem algo da essência, a geometria e suas afins, vemos que, quanto ao Ser, apenas têm sonhos, que lhes é impossível ter uma visão real [realidade de Platão], enquanto se servirem de hipóteses [pelos axiomas] que não chegam a tocar-lhes por não poderem justificá-las. Se se principiar por aquilo que não se sabe [axiomas → hipóteses], e se o fim e as fases intermédias forem entretecidas de incógnitas, que possibilidade haverá jamais de que esta concordância se torne numa ciência? (C1) [dialéctica] – Nenhuma – respondeu ele.*

Segue-se a possível e muito breve descrição do processo dialéctico:

O método da dialéctica é o único que procede, por meio da destruição das hipóteses, a caminho do autêntico princípio [nous – no mais alto do patamar], a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma [ver pensante] da espécie de lodo bárbaro [desde as entranhas dos nossos instintos] em que está atolada e leva-os às alturas [do ponto mais baixo da linha, em ascensão, até ao ponto mais alto], utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes [as técnicas, que aqui serão as Ciências (C2)] que analisámos. Demos-lhes por diversas vezes o nome de ciências (C2), segundo o costume; porém, na verdade, precisavam de outra designação, mais clara do que a de opinião, mas mais obscura do que a de ciência (C1) [dialéctica] – já a definimos como entendimento [dianóia] em qualquer ocasião anterior [na transcrição que fizemos mais acima neste texto]; no entanto, a disputa não é, me parece, acerca do nome, quando temos de examinar questões de tal envergadura, como as que nos aguardam.

Completa-se pois, aqui, o quadro de Platão, da *linha dividida na vertical* (534a): *chamemos ciência [dialéctica] (C1) à primeira divisão; entendimento [ciência – o domínio do racional] (C2) à segunda; fé à terceira; e suposição à quarta; e opinião às duas últimas, e inteligência às duas primeiras, sendo a opinião relativa à mutabilidade, e a inteligência à essência.*

Sobre estas últimas transcrições, em nota de rodapé, podemos sempre ler nas traduções que consultámos que o próprio texto em grego terá sido por diversas vezes alterado no que se refere à palavra que se traduz por *ciência* (C1) – referindo-se quase sempre que a terminologia filosófica não estava de facto ainda fixada.

A dialéctica, será depois muito mais objectivamente tratada. Será tratada ao vivo, em *discurso vivo*, por Platão, com o *Belo* (a Arte) e sua *avaliação*, em *Hípias*

(*Maior e Menor*), com o discurso retórico em *Fedro*, e com a *tolice humana*, em *Íon*, e em outras obras também importantes mas que não se enquadram neste nosso estudo, como *Crátilo*, *Sofista*, e outros textos.

Em *A República*, na sequência da apresentação da ideia da *cidade ideal*, para demonstrar a *ideia de justiça*, ou, no sentido de levar ao leitor a *ideia* (o conceito) de *Justiça* (distributiva, na sua *forma ideal*), tema fundamental da obra, uma *Justiça* considerada na sua *essência*, à qual se devia submeter toda a justiça, incluindo toda a actividade dos tribunais. Platão trata da educação da juventude como a base de transformação da sociedade e obedecendo ao espírito do tempo, Sócrates propõe a substituição dos poetas pelos filósofos na função de formação dos jovens.

Os conceitos de Arte e de Filosofia estavam em formação, e na *cidade ideal* em formação, no patamar dos filósofos, não seriam aceites outras cabeças, mais a mais com os confrontos existentes. Assim, havia que excluir os *técnicos* do Belo, os artistas, os poetas que tratavam a filosofia como uma *cadela a ganir ao seu dono*.

Podemos ler em *Hípias*, quando o autor se refere ao trabalho de Fídias, ninguém pôde pôr em causa que ele era um especialista do Belo, nenhum dos interlocutores duvidou que Fídias desconhecesse o Belo, a *essência do Belo*, o *Belo em si*. Naquela época, a Arte era o Belo, e o Belo ocupa o seu lugar junto do Bom, no lugar mais alto da *linha dividida na vertical*, no mundo inteligível, como ficou bem explícito em *Hípias (Maior)* e no *Fedro*. O Belo, tal como as *ideias superiores do Saber*, só se alcança pelas *técnicas que são grandes* (*Fedro* 270a), só se atinge pela *noésis*, permanecendo oculto na *hiponóia* da *obra de Arte*, tal como a verdade do *Saber* no texto didáctico ou no texto dialéctico, ou no texto filosófico onde decorra e se desenvolva um *processo dialéctico*.

Em *A República*, a visão clara da dialéctica não é possível de atingir de uma forma directa e de um modo racional, pela Razão, pela *dianóia*, isso seria contradizer a própria teoria de Platão. Por isso quando Gláucon pergunta: *Diz então qual é o género de faculdade da dialéctica, em quantas espécies se divide, e quais os seus métodos*. Sócrates, responde-lhe com as limitações da *dianóia*, incapaz de aqui a mostrar ao vivo, de ver a dialéctica neste tipo de diálogo: *Não serás capaz de me acompanhar Gláucon, pois já não seria a imagem do que falamos que tu verias, mas o verdadeiro bem, pelo menos como ele me aparece*. No ver pensante de Sócrates platónico.

A razão, ou o racional, a *dianóia* corresponde, para Platão, à *noética inferior* (à lógica matemática e à Ciência no sentido actual do termo), ocupa apenas um espaço intermédio entre o mundo sensível e a *noética superior*, e assim – a *Sabedoria primeira*, a *noética superior*, não se alcança senão pela *noésis*, pela Arte (o Belo), e pela Dialéctica – o conhecimento científico será sempre, e para toda a eternidade, um conhecimento bem delimitado e limitado, eternamente tentando alcançar o Saber sem jamais o atingir. Essa é a razão da sua própria existência. Pois, se fosse possível à Razão, ao racional, à Ciência, atingir o tal patamar do *nous*, com a *noésis*, seria o seu fim, estaria no seu ponto final, teria concluído todos os seus objectivos, determinando assim a impossibilidade da sua própria existência.